



Comitê de Representantes

Aprovada na 1172ª sessão

ALADI/CR/Ata 1169
19 de fevereiro de 2014
Horário: 10h27m às 11h53m

ATA DA 1169ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DO COMITÊ DE REPRESENTANTES

Ordem do dia

Observatório América Latina - Ásia Pacífico. Balanço e perspectivas.

PROGRAMA

- 10h – 10h20 Palavras de abertura.
- Embaixador Bernardino Hugo Saguier Caballero, Presidente do Comitê de Representantes.
 - Licenciado Carlos Alvarez, Secretário-Geral da ALADI.
 - Doutora Gladis Genua, Diretora - Representante da CAF- Banco de Desenvolvimento da América Latina no Uruguai.
- 10h20 – 10h50 Balanço e perspectivas do Observatório América Latina - Ásia Pacífico.
Apresentação do livro "Las relaciones comerciales entre América Latina y Asia-Pacífico: desafíos y oportunidades".
- Ignacio Bartesaghi, Coordenador do Observatório América Latina - Ásia Pacífico.
- 10h50 – 11h30 Rodada de intervenções.
- 11h30 Encerramento.
-

Preside:

BERNARDINO HUGO SAGUIER CABALLERO

Assistem: Rubén Javier Ruffi, Sergio Luis Iaciuk (Argentina), Benjamín Blanco Ferri, Jenny Encinas (Bolívia), Maria da Graça Nunes Carrion, Roberto Goidanich, Félix Baes De Faria, Pedro de Andrade (Brasil), Patricio Pradel Elgueta, Alex Rodrigo Chaparro Cavada (Chile), Alejandro Borda Rojas, Luz Marina Rivera (Colômbia), Gustavo Anda Sevilla (Equador), Felipe Enríquez Hernández, Alejandro de la Peña Navarrete, Oscar Ricardo Gallegos Sánchez, Diana Morales Robles, José Alberto Martínez Dávila (México), Digna M. Donado (Panamá), Bernardino Hugo Saguier Caballero, Raúl Cano Ricciardi, Leticia Paredes (Paraguai), Aida García Naranjo Morales, María de Fátima Trigoso Sakuma, Ricardo B. Romero Magni (Peru), Linda Rabbaglietti, Ivannah Garelli Ruggia (Uruguai), Isabel Cristina Delgado Arria, Cecilio Crespo (Venezuela), Li Wuji (China), Bioung - Shie Hann (Coreia), Gladis Genua, Juan Carlos Elorza (CAF), Norberto Ianelli (SEGIB).

Secretário-Geral: Carlos Alvarez

Subsecretários: César Llona, Pablo Rabczuk

Convidados especiais: Senador Alberto Couriel, Parlamento do Uruguai; Senador Juan Carlos Baraibar, Parlamento do Uruguai; Jaime Pache Soto, Subdiretor da Ásia, África e Oceania do Ministério das Relações Exteriores do Uruguai; Mariana Vera Leiva, Direção Regional Ásia, África e Oceania do Ministério das Relações Exteriores do Uruguai, María Fernanda Silveira, Direção-Geral de Cooperação Internacional do Ministério das Relações Exteriores do Uruguai; Aliva de los Santos, Direção-Geral de Cooperação Internacional do Ministério das Relações Exteriores do Uruguai; Carlos Saprizza, Ministério das Relações Exteriores do Uruguai; Teresa Aishemberg, Secretária-Executiva da União de Exportadores do Uruguai; Fátima Fierro, Secretária-Executiva da Câmara de Comércio Uruguai-China; Juan Roiseco, Diretivo da Câmara de Comércio Uruguai-México.

PRESIDENTE. Damos início à nossa sessão extraordinária. Nesta oportunidade, receberemos um balanço e as perspectivas do Observatório América Latina – Ásia Pacífico, e teremos a apresentação do livro *Las relaciones comerciales entre América Latina y Asia Pacífico, desafíos y oportunidades*.

Eu não farei referência ao Projeto, pois quero que o Secretário-Geral o faça, nem vou me referir à importância que isto tem para a ALADI, mas gostaria de salientar certas questões que são, aliás, comuns e permanentes aqui na ALADI, porque fazem parte da minha experiência.

Em primeiro lugar, a cooperação da CAF. A CAF tem nos acompanhado em todas as iniciativas que já apresentamos, desde que elas sejam razoáveis, obviamente. A instituição está cada vez mais comprometida com o desenvolvimento de nosso continente. Cumprimento, especialmente, o senhor Enrique García, seu Presidente, que soube interpretar justamente as necessidades que certos organismos têm com o nosso, com o apoio para poder levar adiante este tipo de iniciativas.

Cumprimento ainda os países da Ásia-Pacífico, que sempre demonstraram interesse no relacionamento com a ALADI, o que tem significado não somente assistência às nossas reuniões de Comitê, mas iniciativas de aproximação real e de cooperação com a nossa Instituição.

Dito isto, senhor Secretário-Geral, o senhor tem a palavra para informar sobre o tema concreto desta sessão.

SECRETÁRIO-GERAL. Obrigado, senhor Presidente.

Em primeiro lugar, agradecemos a visita dos senadores Alberto Couriel e Carlos Baraibar; de funcionários das Embaixadas dos países da Ásia Pacífico; funcionários da Chancelaria uruguaia; Teresita Aishemberg, da Associação de Exportadores do Uruguai; funcionários da ALADI; todos os presentes.

Esta jornada tem dois sentidos. Em primeiro lugar, atualizar as informações aos novos Embaixadores incorporados à ALADI, já que com o Embaixador Benjamín Blanco terminamos de completar a presença da totalidade dos Embaixadores dos países da ALADI. É um dado importante. Em segundo lugar, porque a criação do Observatório, em parceria com a CAF e com a CEPAL, significou para nós um importante passo. Ninguém pode negar a implicância da Ásia Pacífico na configuração de uma nova ordem mundial.

O impacto é multidimensional, mas abre uma discussão muito rica na própria América Latina. A discussão tem a ver com os projetos de desenvolvimento de cada um dos países e com as estratégias de inserção internacional de cada um deles, neste caso, membros da ALADI. Ao mesmo tempo, a forte presença dos países da Ásia Pacífico e da China, especificamente, nos conduz para um debate interno sobre as oportunidades que apresenta esta presença da China e dos países da Ásia Pacífico e sobre quais os riscos que surgem de uma relação centro-periferia que nos condene, aos países da América Latina, a sermos países fornecedores, de forma excludente, de matérias primas.

O debate sobre a relação da América Latina com a Ásia Pacífico também afeta muito o caráter de nossa integração. Portanto, por diferentes motivos, fazer um acompanhamento desde a ALADI das relações de nossos países da América Latina com os países da Ásia Pacífico, acreditamos e acreditávamos quando sugerimos esta iniciativa, é uma tarefa muito estratégica e muito decisiva para o futuro da maioria dos países da América Latina.

Eu, por exemplo, creio que o Observatório poderia fazer um exercício do ponto de vista teórico-prático extraordinariamente importante. O que significaria, por exemplo, que nossos países negociassem mais juntos com a Ásia Pacífico ou especificamente com a China? Isto é, o que significaria que as negociações com um dos principais fornecedores e clientes da maioria de nossos países – como o caso de Brasil, Chile, Argentina, Uruguai, Paraguai – o que aconteceria se esses países tivessem alguma hipótese de negociação conjunta? Tal negociação poderia significar, de qualquer ponto de vista, vantagens e benefícios enormes para os nossos países.

Nenhum de nós nega que os nossos países têm um orçamento muito generalizado. Precisamos ver como diversificar a matriz produtiva, isto é, como fazer nossos países para poder encontrar estratégias de desenvolvimento que possam oferecer possibilidades, não apenas no âmbito produtivo, mas para que esses melhoramentos no âmbito produtivo, a diversificação da matriz, se traduza em maior

inclusão social, maior integração, melhores salários e sociedades mais desenvolvidas e mais coesivas. Nesse sentido, a discussão desses modelos de desenvolvimento tem muito a ver com a relação que vai se gestando e que vai se dinamizar com a própria China.

Nós tivemos um caso, muito emblemático para a América Latina, que foi a relação com a Grã Bretanha no século XIX. Em muitos casos, essa relação foi útil do ponto de vista de determinados aspectos do desenvolvimento, mas, por outro lado, significou uma súperdependência e uma cristalização das relações centro e periferia que não nos permitiu um desenvolvimento como nação do ponto de vista da integração produtiva, da integração territorial e da coesão social.

O caso da China e da Ásia Pacífico no século XXI traz novamente a oportunidade. Mas, as oportunidades também trazem junto certos riscos que devem ser solucionados mediante o debate. Eu acredito – e vou entrar num terreno delicado – que a integração joga um papel extraordinariamente importante e que devemos permanecer fora do jogo dos que querem nos dividir entre o Atlântico e o Pacífico, como se estivéssemos muitos séculos atrás na história, sob o Tratado de Tordesilhas. Lembrem que aquele tratado dividia o nosso território entre os espanhóis e os portugueses. Isto é, não podemos entrar em velhas discussões, mas temos que buscar sinergia e complementaridade entre os diferentes projetos que temos nas sub-regiões na América Latina e fortalecer uma visão comum do espaço latino-americano e caribenho.

Por isto, acredito que a ALADI, pilar econômico e comercial da CELAC, deveria contar com uma estratégia neste sentido, que, na minha opinião, tem a ver com tentar incorporar os países latino-americanos que não pertencem à ALADI. Faltam muito poucos, sobretudo centro-americanos. Creio que essa porta foi aberta após a incorporação do Panamá. Agora, deveríamos procurar a maneira de trabalhar uma preferência, talvez com o Caribe, e familiarizar geograficamente a ALADI como pilar econômico-comercial da América Latina e do Caribe com o projeto da CELAC. Após a Segunda Cúpula da CELAC, todos vimos que esse projeto precisa de encarnadura, ele não pode ser mantido como mecanismo somente com uma reunião por ano e certas declarações importantes sobre a agenda regional e global, mas o projeto precisa ser, de alguma maneira, materializado, enraizado e ter políticas regionais consistentes, comuns. Uma das políticas é a relação com a China e, nisso, acredito que nós podemos fazer uma contribuição mínima: construir insumos, fornecer informação, o que o Observatório Ásia-Pacífico está tentando fazer.

Conversávamos com Ignacio, e queríamos conferir com a CEPAL e com Gladis Genua, da CAF, sobre esse exercício proposto em todos os seminários, em todos os encontros, de onde conviria um relacionamento conjunto desde a América do Sul, desde a CELAC, desde o MERCOSUL, desde os projetos sub-regionais, Aliança do Pacífico, ou poderíamos ter uma hipótese de negociação com o mundo da Ásia Pacífico do conjunto dos países latino-americanos e caribenhos. Isto abre um debate fascinante e muito decisivo no futuro de nossas nações.

Por último, gostaria de dizer que também este trabalho, esta tarefa do Observatório, tem que servir para complementar e integrar as diferentes experiências e construções sub-regionais. Há muitos interessados em enfrentar as construções sub-regionais para limitar, para impedir que avancemos na integração latino-americana e caribenha. Não podemos ser funcionais a essas visões, não podemos deixar que os interessados em nos fragmentar voltem a ofuscar as possibilidades que temos em nossa região. Por isso, temos que ser inteligentes nesse sentido. Saber que a unidade, como se diz sempre nos plenários da CELAC, é unidade na diversidade,

que é complementar projetos e visões diferentes, plurais; somos diferentes, o continente é muito heterogêneo.

Porém, é muito importante que planejem como trabalhar melhor com uma voz comum dentro dessa diversidade e heterogeneidade, encarando determinadas relações, vínculos ou negociações a partir de uma identidade mais latino-americana e caribenha.

Acredito, portanto, que a apresentação deste livro vai nesta linha. O que Gladis e Ignacio vão explicar sobre o funcionamento do Observatório vai esclarecer ainda mais esta proposta e esperamos continuar construindo insumos, ideias, iniciativas que sirvam aos nossos países e que ajudem a fortalecer nossa própria unidade.

Muito obrigado.

PRESIDENTE. A seguir, para encerrar a abertura desta apresentação, cedemos a palavra à Representante da CAF – Banco de Desenvolvimento da América Latina no Uruguai, Gladis Genua, que representa a Instituição que fez possível realizar este projeto. A senhora tem a palavra.

CAF-BANCO DE DESENVOLVIMENTO DA AMÉRICA LATINA (Gladis Genua). Muito obrigada, Presidente. Bom dia a todos. Quero cumprimentar especialmente os Embaixadores membros do Comitê de Representantes e os Representantes Alternos aqui presentes. Feliz ano, embora seja muito tarde, mas creio que é a primeira reunião à qual assisto; gostaria de cumprimentá-los e de desejar-lhes um ano de resultados positivos para a integração.

Quero também cumprimentar o Representante da SEGIB que nos acompanha hoje aqui, Norberto Liannelli, e aos Representantes das Embaixadas da Ásia Pacífico, em especial, China e Coreia, sempre presentes nas diferentes atividades que fazemos.

Quero agradecer a Chacho, aos dois Subsecretários e a toda a equipe da ALADI por nos oferecer mais uma vez este espaço para falar do Observatório, pois acredito que é um projeto que nos beneficia e que é de grande utilidade não apenas para a integração latino-americana, mas para a inserção de nossa região no mundo globalizado. Quero cumprimentar os senadores que nos acompanham, Carlos Baraibar e Alberto Couriel, sempre seguidores fanáticos da integração e sempre exercendo importantes trabalhos, e a Teresita, como representante dos empresários exportadores do Uruguai. Espero não esquecer ninguém; se esqueci, peço desculpas, mas cumprimento todos desejando-lhes bom dia.

Sou muito grata por termos este espaço porque toda vez que nos reunimos para fazer alguma apresentação concernente ao Observatório, há um resultado concreto para apresentar, o que me deixa muito feliz. O projeto começou sendo uma ótima ideia e agora é um fato concretizado. Já temos uma ferramenta muito útil para todos nós, para obtermos, cada um de nós, as informações que nos fazem falta e como países ou como regiões desenhar políticas de inserção e de relacionamento com a Ásia Pacífico. São duas regiões muito complexas; portanto, na medida em que possamos ter mais conhecimentos – não apenas qual a relação atual, mas quais as potencialidades de crescimento em temas de comércio e investimento com os países da Ásia Pacífico – para nós poderá significar um resultado muito mais exitoso para cada um dos países e para a região.

A América Latina é complexa. Os países da Ásia Pacífico estão interessados em conhecer-nos bem e em relacionar-se melhor conosco e vice-versa. A apresentação deste livro é, aliás, um marco importante porque constituímos o ano passado o que nós denominamos o braço acadêmico do Observatório.

Graças ao esforço de Ignacio e da pequena equipe que ele tem, com o apoio da ALADI, porque está localizada aqui, e com as contribuições da CEPAL – que são muito importantes por ser uma organização que sempre está monitorando a região e os temas significativos para os países – o Observatório transformou-se em uma ferramenta substancial com muitas informações de grande valor que cada um de nós pode usar da maneira que melhor considerar: acadêmicos, empresários, exportadores, estudantes e governos em geral podem utilizar a ferramenta de acordo com a análise que precisarem fazer.

Porém, contar agora com um braço acadêmico nos dá profundidade nas análises. Não basta ter os dados, queremos pesquisar temas vitais na relação Ásia Pacífico – América Latina. São muitas as características que hoje em dia tem essa relação. É uma relação ainda incipiente do ponto de vista quantitativo, embora seja muito importante do ponto de vista qualitativo. Porém, ela é muito assimétrica também, não apenas em temas do tipo de produtos que se comercia entre as duas regiões, sendo de maior valor agregado os que recebemos da Ásia, mas também entre países. A relação é diferente segundo o país da América e do país da Ásia. A relação com a China é diferente da relação com o Japão ou com qualquer outro país.

Portanto, creio que na medida em que possamos desenvolver estudos deste tipo – que os senhores poderão apreciar hoje neste livro e na apresentação do Ignacio, para o qual fizemos um chamamento a acadêmicos reconhecidos das duas regiões para fazerem contribuições ao estudo muito mais profundo da relação América Latina – Ásia Pacífico – vai nos dar ferramentas muito mais importantes para poder estabelecer políticas públicas vinculadas ao relacionamento entre as duas áreas.

Os senhores poderão conferir que esta é uma primeira aproximação que fizemos. A ideia é que este braço acadêmico seja institucionalizado, constituído e que funcione cada ano fazendo um chamamento a pesquisas para podermos ter sempre essa ferramenta de análise, de estudo, importante para a região, e que possamos, como coordenadores do Observatório, definir quais são os temas que nos interessa estudar. Fizemos um chamamento e de trinta documentos foram selecionados os que hoje estão publicados e que ano passado foram apresentados em um evento na sede da CEPAL em Santiago.

Qual o próximo passo? O maior desafio é, em primeiro lugar, manter o Observatório, fazer com que ganhe vida própria e que possa se autossustentar; em segundo lugar, transformá-lo em mecanismo bidirecional, incorporar os países da Ásia Pacífico a instituições como a CAF, a CEPAL ou a ALADI, que existem nessa região do continente, para somarem informações ao Observatório e para incorporarem sua visão desta relação para que compreendamos qual a importância para eles de se relacionar conosco e para que possamos contar com uma ferramenta bidirecional que nos permitirá uma visão muito mais completa do assunto.

Estou muito feliz por este projeto estar avançando, pelos seus resultados, e esperamos contar sempre com o apoio dos senhores todos e das três instituições que nos lançamos a esta aventura há um ano e meio e que esperamos continuar apoiando.

Muito obrigada.

PRESIDENTE. Muito obrigado à senhora pelas suas palavras. A seguir, cedemos a palavra a Ignacio Bartesaghi, coordenador do Observatório, para fazer o balanço e a apresentação do livro.

COORDENADOR DO OBSERVATÓRIO AMÉRICA LATINA – ÁSIA PACÍFICO (Ignacio Bartesaghi). Muito obrigado, Presidente. Muito obrigado, Secretário-Geral, e Gladis Genua pela sua presença. Bom dia a todos. Aproveito também a ocasião para cumprimentar os Representantes do Comitê, os Alternos, as Embaixadas Observadoras, também os senadores, funcionários de Chancelaria e público em geral.

Para mim, é uma importante oportunidade poder apresentar, no dia de hoje junto ao Comitê, os resultados e o balanço do Observatório, o que tem sido feito até o momento, além de apresentar o livro que, como dizia Gladis, é um novo produto que estamos lançando e que ratifica que estamos no caminho correto.

Quanto ao conteúdo da apresentação, revisarei alguns aspectos da constituição do Observatório porque, como dizia o Secretário-Geral, há alguns Embaixadores que talvez não tenham informações atualizadas. Também, vamos ver os resultados alcançados até o momento nesta primeira etapa do Observatório, de 2012 a 2014. Veremos o balanço e perspectivas que entendemos alcançaram o Observatório até o momento. Finalmente, vamos fazer um comentário sobre o livro que já todos têm na mesa, intitulado *Las relaciones comerciales entre América Latina y Asia Pacífico: desafíos y oportunidades*.

No que diz respeito à constituição do Observatório, para começar considero importante mencionar o contexto – o Secretário também fez referência a isto. Por que a Ásia-Pacífico? Ali há gráficas que estamos muito habituados a ver quando estudamos as relações entre a América Latina e a Ásia Pacífico, sobre o que é a Ásia. A Ásia tem crescido de maneira incrível na última década na participação do comércio internacional; seu comércio incrementou-se enormemente, as relações com a América Latina cresceram também de forma exponencial. Portanto, é claro que a Ásia Pacífico continuará sendo uma região muito dinâmica e que continuará explicando grande parte do crescimento mundial.

As relações com a América Latina são estabelecidas fundamentalmente mediante três vias: a via do comércio, a via dos investimentos e a via dos acordos comerciais, que são justamente parte das variáveis que costumamos estudar no Observatório. Portanto, nesse contexto, a ALADI toma a decisão de incluir na agenda o estudo das relações entre a América Latina e a Ásia Pacífico, inclusive com a aprovação da Resolução 393 do Comitê de Representantes e contando com o apoio estratégico de duas reconhecidas instituições, como o Banco do Desenvolvimento da América Latina (CAF) e a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL). Este acordo é tripartite, entre três organizações que estão trabalhando de forma conjunta, coordenada. Cabe lembrar que o observatório foi lançado em julho de 2012, há menos de dois anos.

Se os senhores me permitirem, lerei textualmente o objetivo. É importante que o tenhamos claro, pois ele foi definido pelas três organizações: “aprofundar o conhecimento sobre as relações econômicas entre ambas as regiões, bem como contar com um mecanismo permanente que facilite aos diferentes atores das duas regiões as informações necessárias para a contribuição da adoção de estratégias sobre a matéria”. Este é o objetivo principal que as três organizações definiram para o Observatório.

Também, definiram-se objetivos específicos, como a criação de um fórum que permita contar com um âmbito de discussão para análise dos temas na relação das duas regiões. Aliás, foi definido a elaboração de estudos, contar com estudos próprios para proporcionar fundamentos, insumos para a geração das políticas públicas, para os acadêmicos, para colocar os temas na agenda. Outro objetivo específico foi a criação de ferramentas que permitirem, de forma clara e simples, acessar informações nas variáveis que comentávamos anteriormente: investimentos, acordos, negociações. A ferramenta em particular tem a ver com o portal web que, como mencionava Gladis, apresenta informações de utilidade para todos os interessados no Observatório.

O Observatório é integrado por 37 economias das duas regiões. Em termos de abrangência isto é muito importante. Naturalmente, há grande quantidade de informações e manter a informação atualizada representa um grande desafio para o Observatório.

Após esta introdução sobre o Observatório e seus antecedentes, apresentamos os resultados alcançados nesta primeira fase.

Em primeiro lugar, o escritório tem sua sede aqui na Secretaria-Geral. Está conformado por um coordenador e uma assistente (aproveito a oportunidade para parabenizar Valeria Batista pelo seu trabalho). Também, é importante salientar que foi criado um Comitê Técnico Executivo em que as três organizações trabalham de forma coordenada através de um Comitê Técnico composto por técnicos dessas organizações, que respondem a um Comitê Executivo de autoridades das três organizações. Portanto, habitualmente, tomam-se as decisões entre as três organizações e permanentemente, desde a coordenação, estamos sugerindo às três organizações os caminhos a seguir. Estou me sentindo muito confortável com este mecanismo, com essa institucionalidade e aproveito a ocasião para agradecer o apoio das instituições nesse sentido.

Também, desenhou-se e publicou-se um site –agora contarei alguns detalhes do mesmo, que os senhores seguramente já conhecem. Elaboraram-se bases de especialistas; temos uma base muito importante de especialistas e de pessoas interessadas em receber informações sobre o Observatório. Temos publicações regulares, publicações próprias, específicas realizadas pela CEPAL. Cumprimos, ainda, com a organização de eventos sobre a temática. Também, o Observatório tem representação institucional, não só mediante seu coordenador, mas também através de técnicos e autoridades das três organizações que em suas viagens estão permanentemente promovendo o que o Observatório faz. Este último ponto é muito importante porque é mais recente, tem a ver com a conformação de redes. Criou-se, ano passado, um fórum acadêmico que permite executar esse braço acadêmico que comentava Gladis, e também contamos com um Comitê assessor de especialistas de primeiro nível entre as duas regiões que permitem fazer consultas e estar permanentemente contando com o apoio de acadêmicos especialistas de muita trajetória e especialistas que nos dão orientações sobre quais os temas de importância a serem tratados, etc.

Esses são os principais resultados que eu queria salientar da primeira fase, de 2012 a 2014. Desenvolverei algum deles com maior profundidade.

O Portal web. Nosso portal está traduzido para o inglês e para o português. Isto é realmente importante, pois implica grande esforço ter o site publicado totalmente em três idiomas. Isto é muito importante. Temos também a ambição de incorporar a tradução para o chinês, coreano, japonês; estamos explorando essa possibilidade. O site conta com informação de utilidade sobre cada país. Temos dados básicos,

informações sobre embaixadas e consulados, contamos com informações sobre universidades, câmaras bilaterais, informações de grande utilidade consolidada e de fácil consulta. Contamos com ferramentas com gráficos interativos que permitem consultar séries de diferentes variáveis econômicas e comerciais de 1980 até 2012; já estamos atualizando os dados.

Também, o site web conta com uma seção de acordos comerciais, de investimentos, com uma seção sobre identificação de oportunidades comerciais que está sendo cada vez mais utilizada por empresários. Isto é de sumo interesse para nós. Conta também com apoio de condições de acesso para conhecer um pouco mais sobre como acessar aos mercados e informações sobre feiras comerciais.

Pode-se consultar no portal uma base bibliográfica especializada com mais de 2000 publicações. Acreditamos que isto é um salto muito importante porque estamos falando de publicações que estudam somente as relações entre as duas regiões, não especificamente uma região, mas a interação. Realmente, foi um esforço importante e está sendo muito utilizado por acadêmicos, estudantes, etc. O portal conta com uma seção especial, a do fórum acadêmico. Desenvolvi, agora, alguns pontos. Superamos as 10.000 visitas em menos de um ano de lançamento do site, que era o umbral mínimo que nos propusemos para continuar potenciando o número de visitas.

Outro resultado que eu gostaria de salientar são as publicações que o Observatório conseguiu desenvolver. Contamos com um boletim estatístico semestral, que é uma publicação realizada especialmente pela CEPAL para o Observatório. É um relatório único porque não há na região nenhum estudo que análise de forma agregada as relações entre a Ásia Pacífico e a América Latina. Este é um ponto a ressaltar.

Contamos, também, com estudos específicos elaborados pelos especialistas da CEPAL. Por exemplo, lançamos, ano passado, um estudo sobre a ASEAN, que é uma das regiões que estamos acompanhando de perto. Também, contamos com a divulgação de outros estudos que elabora a CEPAL em sua linha de pesquisa da Ásia. Temos relatórios próprios como, por exemplo, um relatório que lançamos mês passado sobre os primeiros resultados do debate do fórum acadêmico sobre um tema de muita atualidade como os mega acordos da Ásia Pacífico e quais os impactos que poderiam ter na América Latina. Portanto, esse é um relatório que sai do Observatório. Temos também um boletim mensal do Observatório que permanentemente atualiza a agenda, as notícias, as publicações, etc.

Quanto aos eventos realizados, lançaram-se e lançam-se livros. O Observatório transformou-se em um espaço para que acadêmicos ou especialistas possam contar com nosso apoio para apresentar publicações. Lançou-se um seminário, em conjunto com a Embaixada do Japão, sobre as relações da ASEAN e Japão com a América Latina. Foi realizado ano passado e foi muito bem-sucedido. Também, ano passado concretizou-se o primeiro seminário acadêmico, seminário das relações comerciais entre a América Latina e a Ásia Pacífico, que leva o nome do livro que recolhe os resultados do seminário, realizado em agosto em Santiago do Chile. O evento constitui um marco importante do Observatório porque se trata do seminário anual mais importante, que pretende ser feito todos os anos. Também, foram efetuados os lançamentos do portal web e do fórum acadêmico, braço acadêmico que comentávamos e do qual agora vamos desenvolver algum aspecto.

O fórum acadêmico foi lançado no âmbito do seminário realizado em Santiago em agosto do ano passado. Hoje em dia, conta com setenta membros que são

reconhecidos especialistas das duas regiões. Estamos falando de especialistas, não de estudantes ou de recém-formados. Conseguimos reunir setenta especialistas que estão permanentemente e de forma muito ativa, porque para ingressarem devem contar com amplo *background* acadêmico, portanto, consideramos nosso listado de profissionais muito importante. O fórum acadêmico dispõe de seu próprio site web, administrado de forma independente e no qual incorporamos informações permanentemente, bem como informações dos acadêmicos e dos membros do fórum. Isto quer dizer que o Observatório multiplica sua informação porque todos os esforços individuais dos acadêmicos estão começando a ser plasmados nesta seção do site, na qual eles podem publicar seus últimos documentos, enviar notícias e divulgar eventos a serem realizados. Há uma espécie de explosão na quantidade de informações que temos disponíveis neste momento no portal.

Quanto ao fórum, gostaria de mencionar algumas atividades já desenvolvidas e outras que queremos desenvolver no decorrer dos anos. Por exemplo, a implementação de debates. No ano passado foi lançado o primeiro debate. Todos os membros discutem sobre um tema específico definido pelas organizações das duas regiões. As universidades têm interesse em criar cadeiras sobre o Observatório, sobre o tema Ásia-Pacífico. Já há interesse em uma Universidade do Uruguai e também do México interessados em criar essa cátedra, que vai ser concretizada neste ano. Busca-se fomentar os intercâmbios de estudantes e especialistas. Como dizia o Secretário, há oportunidades de financiamento de estudos conjuntos de temas que se decidem no âmbito do Observatório e das três organizações que, ao nosso juízo, merecem ser estudados. Lançar-se-á um concurso de ensaios e, também, no âmbito do fórum, serão realizados diversos seminários e oficinas, dentre outras atividades. Portanto, o fórum acadêmico tem agenda própria.

No que diz respeito ao terceiro bloco, podemos mencionar o balanço e perspectivas do Observatório.

Em primeiro lugar, na minha opinião, entendo que desde a constituição do Observatório foram cumpridos os objetivos específicos definidos pelas três organizações que conformaram este projeto. Outro tema muito importante é que temos percebido que o projeto vem sendo consolidado e transformado, muito rapidamente, num âmbito de referência no estudo das relações econômicas da América Latina e Ásia Pacífico.

Como posso exemplificar este ponto? Cada vez recebemos mais visitas do exterior no Observatório, cada vez há mais interesse de acadêmicos em querer somar-se ao fórum. Já não temos essa necessidade de procurar porque os interessados começam a se aproximar do fórum, do portal e do observatório. Isso faz com que hoje em dia estejamos percebendo que começamos a nos transformar em referência no estudo da América Latina Ásia Pacífico e acredito que isto é um ponto realmente válido a ser salientado.

Nesse âmbito dos objetivos cumpridos que, obviamente, não é estático, mas dinâmico, temos que cumprir com os objetivos permanentemente. Entendemos que há boas possibilidades para continuar com o desenvolvimento de uma ambiciosa agenda que permita consolidar a iniciativa, especialmente na Ásia-Pacífico. Vou deter-me neste ponto, também tratado por Gladis, que tem a ver com a importância de colocarmos o foco na Ásia Pacífico, posto que, naturalmente, temos tido mais impacto por enquanto na América Latina do que na Ásia Pacífico. Estamos nos aproximando cada vez mais à Ásia Pacífico. Na agenda, estamos fazendo um esforço para concentrar-nos na Ásia Pacífico e em associações estratégicas com organizações da Ásia Pacífico, que mencionarei a seguir.

Nesse âmbito de balanço e perspectivas, estamos estudando possíveis pontos para a agenda do que seria a segunda fase do Observatório. Em primeiro lugar, a realização de um seminário com a Secretaria da ASEAN, que tem a ver com o aprofundamento de nossas relações com organizações internacionais de referência na região da Ásia-Pacífico. Buscamos dar continuidade à organização de seminários acadêmicos. Isto é um marco importante porque nos permite contar com insumos para publicações como as que apresentaremos hoje. Buscamos lançar o segundo seminário acadêmico de 2014 e o terceiro em 2015. Lançaremos um concurso de ensaios, realizaremos, também, outros seminários e oficinas introduzindo novos temas porque a dinâmica na América Latina e na Ásia Pacífico permitem introduzir novos temas como no caso da Índia, Oceania e o impacto que terá na América Latina a aproximação da Oceania com a China, com outros países da Ásia ou alguns aspectos de política comercial ou de política industrial que, consideramos, também podem estar em oficinas e seminários.

Também, quanto a balanços e perspectivas, daremos continuidade aos estudos regulares com que já conta o Observatório como, por exemplo, o boletim estatístico, o boletim mensal ou os outros estudos aos que já fiz referência. É importante salientar que serão lançados novos estudos sobre oportunidades comerciais, análises de negociações e acordos comerciais e também outros estudos sobre infraestrutura física, que é um tema muito importante, e para isto esperamos contar com o apoio da CAF, que tem muita experiência em estudos de infraestrutura física, o que é de suma importância para o relacionamento com a Ásia-Pacífico.

Criar-se-á um fórum empresarial. Este é um ponto que eu gostaria de destacar porque já contamos com um braço acadêmico, mas agora é importante também contar com um braço empresarial para saber, de antemão, quais os problemas que os empresários têm para ter acesso à Ásia-Pacífico e os empresários da Ásia-Pacífico para ter acesso à América Latina e poder, neste âmbito, desenvolver ações pontuais, oficinas pontuais e poder convidar especialistas que tratem de temas que realmente preocupam os empresários.

Estamos trabalhando na metodologia deste ambicioso projeto, mas estamos com muito interesse em poder lançá-lo na segunda fase. Daremos também continuidade e expandiremos as atividades do fórum acadêmico, como se comentava anteriormente, e pretendemos potencializar a representação institucional do Observatório. Isto é o que eu tenho para transmitir aos senhores quanto ao balanço e perspectivas do que já foi feito até o momento.

Finalmente, gostaria de apresentar-lhes o livro que os senhores têm sobre a mesa: *Las relaciones comerciales en América Latina y Asia Pacífico: desafíos y oportunidades*. O livro reúne todos os artigos apresentados no âmbito do primeiro seminário acadêmico realizado em Santiago. Compõe-se de nove artigos, além de uma introdução e um discurso de encerramento. Os artigos foram selecionados por um comitê de especialistas das duas regiões de um total de trinta concorrentes no âmbito do *call for papers*. Portanto, houve um esforço de edição e de avaliação técnica muito importante para a publicação do que entendíamos eram os melhores artigos apresentados. Também, incorpora as apresentações magistrais de diferentes especialistas, tanto da CEPAL quanto do ESCAP, que é a irmã da CEPAL na Ásia e com a qual temos muito contato e, também, de especialistas da China e da República da Coreia e é importante salientar que contamos com o apoio desses especialistas.

Por último, a publicação tem um capítulo sobre a conformação do fórum acadêmico, útil para poder compreender a nossa ideia a esse respeito.

No que diz respeito à apresentação do livro, transmitir-lhes-ei alguns de seus temas centrais para comprovarem que a publicação trata de temas de atualidade e que nos preocupam sobre as relações entre a América Latina e a Ásia Pacífico. Brevemente, apresento alguns temas importantes do livro.

O primeiro dele tem a ver com a notória importância das relações entre as duas regiões, presente em muitos artigos. Porém, faz-se menção especial à assimetria entre as mesmas e à sua concentração. O desafio é como diversificar o comércio entre ambas as regiões. Também, menciona-se como afetam os custos de transportes e a deficiência de infraestrutura na América Latina em nosso relacionamento com a Ásia Pacífico. Esse tema é tratado com certa profundidade.

Em vários artigos, são mencionados também os interlocutores necessários para um melhor diálogo entre ambas as regiões; se temos que falar juntos ou separados.

Fala-se ainda do padrão comercial, em particular, se podemos mudar o padrão comercial que caracteriza as relações com a América Latina e a Ásia Pacífico ou se é difícil sobre os benefícios do comércio sul-sul. Também, faz-se menção especial à República da Coreia e à análise que tem de ser feita sobre as relações entre a Ásia, não apenas do ponto de vista comercial e econômico, mas também através da cooperação.

A publicação também diz respeito à forma como a América Latina vem assumindo as transformações que estão ocorrendo na China quanto a oportunidades comerciais, se estamos fazendo a leitura correta.

De maneira expressa, abordam-se os efeitos que terá o envolvimento de alguns países da América Latina em acordos da Ásia Pacífico, que efeitos terão para a região e para nosso processo de integração. Esse é um dos temas centrais.

Há também quatro temas importantes. Fala-se das potencialidades que existem no comércio entre a América Latina e a ASEAN, já não só entre a América Latina e os grandes da Ásia, mas também entre a América Latina e a ASEAN como algo novo a ser explorado. Menciona-se o papel que o Japão cumprirá na Ásia Pacífico e com a América Latina. É questionada, também, a possibilidade real de que a Ásia venha a ser o futuro investidor na América Latina e a forma como temos que adaptar certas normas relativas a investimentos para nos beneficiarmos de tais investimentos.

Por último, América Latina pode se integrar às cadeias de valor? Eis a questão. As três organizações vêm estudando muito esse tema: se podemos realmente nos integrar às cadeias de valor desde a América Latina e se há possibilidades de gerar associações científico-tecnológicas entre a China e a América Latina. Esse é um dos itens a salientar da publicação e que motivam a sua leitura. Também, evidencia o caráter atual da publicação que lançamos no dia de hoje no âmbito do Observatório e que ajuda os atores de políticas públicas e os especialistas no entendimento de certos fenômenos que têm a ver com as relações entre a América Latina e a Ásia Pacífico.

Isto é tudo, Presidente. Coloco-me à sua disposição.

- *Aplausos*

PRESIDENTE. Muito obrigado, senhor Bartesaghi, pela sua clara exposição. Antes de oferecer a palavra às demais representações, gostaria de fazer algumas consultas. Em primeiro lugar, a publicação está disponível na página? Onde podemos encontrá-la?

COORDENADOR DO OBSERVATÓRIO AMÉRICA LATINA – ÁSIA PACÍFICO (Ignacio Bartesaghi). Será disponibilizada após a reunião.

PRESIDENTE. A apresentação foi muito boa e clara e contém elementos que não estão no livro.

Eu gostaria de fazer uma consulta. Várias vezes o senhor mencionou as visitas que recebem e que continuarão em aumento. Gostaria de saber quantas visitas o Observatório recebe. A ALADI registra as visitas e consultas recebidas. Não sei se o senhor tem esse dado.

Finalmente, no que diz respeito à relação com estes países, que tem se tornado tão importante para a nossa região, quero lembrar um pensamento manifestado aqui há mais de dez anos pelo ilustre embaixador do Brasil, o embaixador Rubens Ricupero, que, naquela época, ocupava a Secretaria-Geral de um organismo em Genebra e nos dizia que tínhamos que prestar especial atenção à Índia, que poderia, em algum momento, ser a primeira potência. Eu queria saber se no Observatório estamos aprofundando ou tendo vinculações com a Índia.

COORDENADOR DO OBSERVATÓRIO AMÉRICA LATINA – ÁSIA PACÍFICO (Ignacio Bartesaghi). Sim, Presidente. Obrigado pelas perguntas. O número de visitas foi muito importante, naturalmente não pode ser comparado com o número de visitas da ALADI, que certamente é bem superior. Temos, sim, um número de visitas importantíssimo de acadêmicos, de universidades, de embaixadas da ASEAN em Buenos Aires, praticamente todas já passaram por aqui. Também veio a Embaixada da Nova Zelândia, há interesse por parte da Embaixada da Austrália, que vem daqui a alguns dias. O número é bastante importante. Também, é notório o interesse dos acadêmicos. Todos os acadêmicos que visitam Montevidéu vêm ao Observatório. Portanto, no escritório estamos permanentemente recebendo interessados no projeto, não somente do Uruguai e da América Latina, mas também, e em particular, está aumentando o interesse das embaixadas da ASEAN em Buenos Aires e de outras embaixadas que não têm representação. Por exemplo, há pouco tempo estiveram da Nova Zelândia, vieram de Brasília para ter a reunião. Nesse sentido, estamos trabalhando muito ativamente.

Quanto à Índia, faz parte dos novos temas que queremos incorporar. Até então não temos tratado do tema especificamente, mas temos pensado para a segunda fase fazer um evento ou uma oficina sobre a Índia e, eventualmente, alguns estudos em particular porque, coincido, é o próximo gigante da Ásia Pacífico e precisamos acompanhar de perto a sua evolução.

PRESIDENTE. Muito obrigado. A mesa está aberta para quem quiser fazer consultas. O México solicita a palavra.

Representação do MÉXICO (Alejandro de la Peña Navarrete). Obrigado, Presidente. Solicitava a palavra para, primeiramente, agradecer aos nossos amigos do Observatório por terem elaborado este estudo, que acredito será de grande utilidade. À Secretaria por ter facilitado esta reunião do Comitê de Representantes de forma extraordinária; creio que temos que aproveitar mais a modalidade extraordinária para trocarmos opiniões e experiências em temas que não estão diretamente sob os procedimentos normais da Secretaria e onde temos o privilégio de falar de maneira mais livre e somando ideias.

Para nós, o tema do relacionamento com a Ásia Pacífico é de longa data. A primeira vez que houve globalização redonda foi quando da NAO China entre China, Filipinas, México e terminava na Espanha uma relação de total dependência que queremos e temos trabalhado para superar e, aliás, um tema de atualidade porque não há dúvida de que, como era mencionado há um momento, a Ásia Pacífico é a região de maior crescimento na atualidade, fala-se de um deslocamento muito profundo do comércio quando era mediterrâneo, depois passou ao Atlântico e agora está passado ao Pacífico. O ideal seria que fosse em todo lugar e o tempo todo.

É muito importante também contar com insumos exógenos do mundo acadêmico porque, às vezes, os que estamos no governo estamos muito ocupados em tirar o assunto do dia que requer nossas responsabilidades e os acadêmicos podem ter uma visão mais fresca, mais ampla, mais prolongada e isso nos enriquece.

Minha conclusão é que se o Observatório não existisse teríamos que inventá-lo porque é uma necessidade e, aliás, está indo muito bem apesar de ser tão novo, que não tem nem dois anos. Quero reiterar todo o interesse de minha equipe no tema e todo o apoio do México ao Observatório para continuar por esta via que irá nos conduzir, como o Presidente e o Secretário-Geral mencionaram em suas intervenções, à resposta a o que vamos fazer com tudo isto. O estudo reflete o que está acontecendo – e estão acontecendo muitas coisas. A nossa conclusão é o que fazemos, porque não fazer nada é fazer algo. Estamos fazendo algo, alguns países em nível individual, alguns países aqui presente têm tratados de livre comércio com a China, outros países, como o México, não nos sentimos em condições de ter um acordo de livre comércio com a China, não sei o que acontecerá no futuro, mas hoje em dia não temos condições.

Alguns países estamos levando em consideração a Ásia Pacífico e nossa visão do mundo, certamente relacionada com a Aliança do Pacífico que, de certa forma, entre outros objetivos, procura a colaboração entre os seus membros para aumentar sua competitividade perante uma maior concorrência na Ásia Pacífico para aproveitar ao máximo esse relacionamento, de particular interesse para o México porque temos um déficit com a China de pouco mais de US\$ 50 bilhões. Segundo um estudo da Secretaria, quando olhamos para a ALADI com o México –como devemos vê-la sempre- como região temos um déficit com Estados Unidos e um superávit com a China. Se tirarmos a variável México ficam tabelas a mão, porque todo esse déficit com os Estados Unidos é compensado com o superávit com a China. Nosso déficit com a China compensa o superávit do resto da região e o mesmo acontece com os Estados Unidos, de forma inversa.

Alguma coisa temos que fazer. Estão acontecendo muitas coisas. Está o TPP, onde estamos nós e outros países da ALADI. Há outro processo que envolve a China. A China não inocente e nós também não e sabemos que por trás destes processos também há considerações geopolíticas. O tema da Índia leva anos batendo na porta da APEC, mas ainda não está claro até onde chega a Ásia. Talvez tenha mais de um bilhão de habitantes e taxas de crescimento muito sãs, invejáveis. Pode ser outro ator a ser levado em consideração. Está a ASEAN. É um mundo, é muito complexo. Daí a importância do Observatório para ver em qual terreno estamos pisando.

Também, temos o nosso papel. O que fazemos? De forma natural, trataremos do assunto de maneira individual ou alguns tratarão do assunto de forma sub-regional, outros irão procurar em outro tipo de grupos, como os BRICs, por exemplo. Obviamente, todos terão seus interesses. Contamos também com este fórum. Eu diria, sem excluir, como já foi mencionado, primeiro sem cair em divisionismos, que é algo

absurdo quando o resto do mundo corre e nós ainda discutindo quanto anjos cabem na cabeça de um alfinete.

Primeiro, sem divisionismos, como dizia o Secretário-Geral, e segundo, buscando independentemente o que vamos fazendo em diversos patamares –individual, sub-regional, há algum papel que a ALADI não possa jogar? Acredito que não, se não, para que temos a ALADI? A ALADI joga muitos papéis, como aproveitar as oportunidades, lidar com os desafios que representa a situação atual, em particular, a evolução que está acontecendo na Ásia Pacífico.

Desculpas se a minha intervenção foi longa. Obrigado.

PRESIDENTE. Obrigado, senhor Representante. Peru, Brasil e Bolívia, nessa ordem.

Representação do PERU (Aída García Naranjo Morales). Bom dia. Quero dizer, senhor Presidente, que esta sessão 1169 é extraordinária porque temos uma nova presidente na ALADI, vice-presidências herdadas de nossa ex-presidente Digna Donado e, também, porque o embaixador Saguier representa uma autoridade importante, com longa trajetória na ALADI, ocupou a representação da Secretaria-Geral, e pela sua experiência internacional traz contribuições significativas para a ALADI.

É extraordinária porque recebemos novos embaixadores, como o embaixador Blanco e, recentemente, recebemos a embaixadora do Brasil e o embaixador do México, que renovaram o rosto da ALADI, o que é muito importante. Agradecemos especialmente a saudação que nos faz Gladis Genua. Já tínhamos nos cumprimentado pelo ano novo em sessões anteriores, mas são bem-vindos estes cumprimentos que representam em 2014 um novo auspício para a ALADI e para a integração, que continua sendo um desafio fundamental; sem dúvidas, continua sendo um desafio e uma grande utopia que não podemos perder.

Também, é extraordinária porque nos sentimos hoje em dia muito bem acompanhados pela presença da CAF, não somente com Gladis Genua, também com Juan Carlos Elorza, com as autoridades e os funcionários das Embaixadas da Ásia Pacífico, com outros delegados de outras missões diplomáticas, público em geral e pela presença da União de Exportadores do Uruguai. Também, é de grande relevância para nós um ano em que será realizada a EXPO ALADI 2014 e onde estas alianças resultam fundamentais na presença da ALADI.

Esta sessão também é extraordinária pela sua ordem do dia. Estivemos presentes no ano de 2012 quando foi lançado o Observatório Ásia Pacífico. Naquele momento, desejamos o melhor, de maneira auspiciosa também para este Observatório porque não há dúvidas de que a Ásia Pacífico constitui uma economia imprescindível no crescimento econômico mundial. É por isso, também, que são imprescindíveis as alianças estratégicas entre os blocos Ásia Pacífico e América Latina como blocos que geram a dinâmica de crescimento do mundo e que estabelecem uma ordem mundial significativa de crescimento. Também é importante já que as possibilidades de desenvolvimento da América Latina estão vinculadas a estes laços com as novas economias emergentes e dinâmicas do contexto internacional.

Esta sessão é extraordinária pelo relatório-balanço que o coordenador do Observatório América Latina-Ásia Pacífico nos apresenta. É fundamental para nós. O que ele assinala, que 37 economias do mundo estejam procurando se integrar e que o conjunto destes instrumentos, fóruns, publicações, dentre elas, os boletins regulares,

mensais, extraordinários, os sites, o acompanhamento e a leitura dos especialistas e dos fazedores de políticas públicas tenham no Observatório uma ferramenta e um referente e resulta fundamental e saudamos este relatório que considera os avanços produzidos, como bem disse o Delegado do México, em um tempo tão breve que nos mostra este conjunto de resultados. Isso é alentador e permite continuar impulsionando estes aspectos.

Também, é de caráter extraordinário porque no dia de ontem, 18 de fevereiro, a ALADI fez 54 anos. Felicito a ALADI, uma iniciativa que começou com sete países da América Latina. O Peru teve a honra, a tarefa e o desafio de ser parte da fundação dessa instituição que para nós é referente principal da integração da América Latina e do Caribe. Hoje em dia, a ALADI, que se iniciou em 1960 e se fortaleceu em Montevidéu de 1980, é a expressão de treze economias integradas na região que comercia, discute, que se integra e onde as diferentes experiências de desenvolvimento de integração, ora voltadas para o Pacífico, ora para o Atlântico, têm um fórum de articulação, de debate, de integração e, obviamente, de desafios.

É gratificante representar nosso país no âmbito da ALADI. Há que continuar insistindo desde esta arquibancada em que o crescimento, a economia e os indicadores macroeconômicos devem servir objetivamente à qualidade de vida e ao desenvolvimento humano. O Observatório, quando fala dos interlocutores, não poderá nunca deixar de ouvir a voz do povo, um povo em que a América Latina continua tendo 50 milhões de pessoas que sofrem de fome e de miséria, em uma região que poderia se auto-abastecer e, portanto, esses interlocutores têm que ter como interlocutores também essa voz suprema que significa o grande desafio de afirmar nossas nações. Compartilho o mencionado pelo Secretário-Geral, que também nos honra pela sua trajetória de vida, pela sua trajetória profissional e política na condução da Secretaria-Geral, quando nos afirma o grande desafio que têm nossas economias de não ficar fraturadas por um olhar desde as bacias do Pacífico, as bacias do Atlântico, mas de fortalecer projetos integracionistas e de velar, hoje mais do que nunca, pelo desafio da integração e de não permitir que ela seja afetada por interesses alheios à nossa região ou por interesses alheios às nossas perspectivas.

Desejo, portanto, longa vida à ALADI e presença exemplar nos organismos da região. Saúdo a iniciativa que representa também uma aliança estratégica com a CAF, com a CEPAL, como estas instituições tão representativas na América Latina que fortalecem a gestão da ALADI.

Muito obrigada.

PRESIDENTE. Muito obrigado, senhora Embaixadora, pelas suas palavras, que nos dão ânimos neste período. Lembre que a senhora é a próxima presidente, portanto, tem de continuar com o mesmo impulso.

Representante do PERU (Aída García Naranjo Morales). Aprenderemos de seu exemplo. Embaixador, gostaria de fazer uma breve e simples intervenção para saudar também a presença dos senadores Baraibar e Couriel, que conhecemos pela sua longa trajetória e que esta manhã também nos honram com sua presença na ALADI. Em minha intervenção, infelizmente esqueci mencioná-los, querendo fazer disso um momento especial. Muito obrigada por nos acompanhar nesta manhã, na ALADI, vossa casa.

PRESIDENTE. Muito obrigado, Embaixadora. Isso me permite saudá-los também. Eu não sabia que estavam presentes. Cumprimento-os eu também desde a presidência.

A senhora Embaixadora do Brasil tem a palavra.

Delegação do BRASIL (Maria da Graça Nunes Carrion). Muito obrigada, senhor Presidente. Eu também gostaria muito de cumprimentar os senadores Baráibar e Couriel, que nos honram com sua presença e que sempre prestigiam os temas da integração regional. Agradeço, também, a participação do senhor Bartesaghi sobre a apresentação desse livro e dos trabalhos do Observatório e à Gladis, também, pela sua ótima intervenção.

Antes de me deter neste tema, gostaria também de dizer ao nosso Secretário-Geral que eu estive em Tordesilhas, onde tudo começou, e pude ter a sensação de olhar e de dizer “foi aqui onde tudo começou”; portanto, gostaria muito de dizer que eu apoio veementemente suas palavras iniciais nessa sessão de hoje. Também considero, como diz o Embaixador Alternado do México, de la Peña, que em comércio, não há inocentes. É por isso que nós temos que nos unir mais do que entrar em diversionismos inúteis e absurdos. Eu me lembro que, na minha primeira sessão aqui, mencionei a necessidade de sempre negociar com transparência, que é uma necessidade para que nós possamos estar cada vez mais unidos.

Com relação à sessão de hoje, foi realmente extraordinária. Gostaria, realmente, de dar as boas-vindas a essa publicação e dizer que, servindo em Santiago do Chile durante o seminário, tive a oportunidade de assistir ao seminário na CEPAL e foi excelente. Muito me impressionaram os artigos que li e que têm muita coincidência com o que uma representante brasileira já mencionou aqui quando essa iniciativa foi lançada, a Embaixadora Edileuza Fontinelli, sobre a necessidade desse vínculo maior nas relações econômicas com os países da Ásia-Pacífico e ela, citando as suas palavras, destacou a possibilidade de ampliação de sinergias na América Latina com os países asiáticos, em particular, com a China, mas, de maneira geral, com o empenho na promoção do desenvolvimento econômico com a concomitante erradicação da pobreza e das assimetrias em nossas sociedades, bem como a preservação ambiental.

Também, chama-me a atenção nesse estudo uma palestra que à qual assisti, de Mia Mikkim, que foi excelente, onde ela também faz uma comparação entre o fluxo de comércio sul-sul e norte-sul e destaca que, para os efeitos dos seus estudos, eles tomam a divisão dos países em desenvolvimento anotada na Organização Mundial do Comércio (OMC).

Por essa definição de países em desenvolvimento, alguns países asiáticos estão excluídos, como o Japão e outros. Portanto, ela menciona que o fluxo de comércio sul-sul cresce muito mais rapidamente do que o fluxo do comércio norte-sul e porque devemos procurar intensificar esse fluxo de comércio sul-sul? Porque não interessa ter apenas o comércio pelo comércio, pelo produto que esse comércio gira, mas sim ter a qualidade do comércio e nessa qualidade proporcionando o desenvolvimento econômico sustentável com crescente inclusão social. Esse é o objetivo que nós temos que ter: erradicação da pobreza e inclusão social, e só entre países em desenvolvimento, e os países, falando da Ásia-Pacífico, de países em desenvolvimento, é que nós vamos procurar encontrar essa identidade de objetivos. Temos que ter metas de objetivos. O comércio não é só os números da balança, mas a qualidade que vem junto. É pelo menos isso que o meu país procura. Temos um excelente comércio com a China, a China é o nosso maior parceiro, não temos acordos de livre comércio com a China e provavelmente não teremos, mas temos que melhorar a qualidade do comércio. O comércio é muito bom, mas a sua qualidade precisa dar um salto qualitativo; desculpe a redundância, mas precisa ser um pouco mais elaborado para que seja um comércio que produza efeitos também sobre nossa

população. É isso o que nós precisamos, que só tendo uma população que possa consumir é que nós poderemos sair de crises que às vezes nos afetam e que não são nossas.

Para amenizar e agradecer, e agradecer ao secretário-geral mais uma vez pelas suas palavras.

PRESIDENTE. Muito obrigado, Embaixadora. O Embaixador Blanco tem a palavra, que fará sua primeira intervenção no Comitê.

Representação da BOLÍVIA (Benjamín Blanco Ferri). Muito obrigado, Presidente.

Simplesmente queria agradecer, parabenizar à Secretaria, agradecer à CAF e à CEPAL, por esta ferramenta. Consideramos que é uma demonstração de que podemos trabalhar, de que podemos ter produtos de altíssima qualidade como este. Nós, desde La Paz, tivemos a oportunidade de revisar o portal e está nos servindo. A sugestão, talvez, seria tratar de dar um pouco mais de divulgação do portal entre as mesmas instituições dos países; isto é, procurar, por exemplo, trocar *banners* com nossos institutos de comércio exterior, com nossas agências de promoção comercial, para que possam estar disponíveis para um público o mais amplo possível. Para os próprios produtores, para nossos exportadores, tentar procurar convênios com nossas câmaras empresariais que se possa compartilhar o link e a explicação do site. Simplesmente, mais uma vez felicito a todos pelo excelente trabalho.

PRESIDENTE. Muito obrigado, Embaixador.

Secretário, o senhor gostaria de dizer algumas palavras antes de encerrar?

SECRETÁRIO-GERAL. Esqueci cumprimentar o Representante da SEGIB, que estava aqui.

PRESIDENTE. Eu também esqueci cumprimentar o senhor Representante da SEGIB.

Muito obrigado, Bartesaghi, foi uma jornada muito proveitosa para nós. Eu posso mencionar, neste caso como embaixador do Paraguai, nós não temos relações diplomáticas com a China nem com agências comerciais; porém, temos grande desfaçamento em nosso comércio devido a operações triangulares e somos um dos países que recebemos, em volume, maior quantidade de produtos da China. Essa é uma situação que, pelo menos eu, pessoalmente, acredito que tem que ser superada em algum momento. Esse comércio informal que oficialmente se faz desde esse país fura políticas de outros países; isso não é bom. Portanto, creio que fóruns como este devem servir a que estas situações sejam superadas.

Não vou falar do MERCOSUL porque está envolvido, mas quero sim fazer um chamamento ao Secretário. Os senhores terão de se acostumar, durante minha presença nesta cadeira, a que eu tenha, por vezes, iniciativas que não consultei, mas que surgem na medida em que escuto e vejo como são desenvolvidas nossas reuniões. Secretário, seria muito bom se nós pudéssemos convidar para virem à ALADI várias personalidades latino-americanas que hoje estão presidindo organismos internacionais. Primeiro, da própria região, o Presidente do BID, o Presidente da CAF, Alicia Bárcena, Enrique García. Isto é, que venham e nos falem um pouco de sua visão do funcionamento da integração em nossa região. O Alto Representante do MERCOSUL, que venha e que nos fale do MERCOSUL porque nós somos vários embaixadores do MERCOSUL, mas o resto não.

Isto é, abrir um pouco esta visão, que venham da Aliança do Pacífico, que nos contem como estão. Há vários países-membros que são membros plenos, Paraguai é país observador. Isto é, trata-se de abrir nosso foco para poder agir melhor. Tudo o que recebamos, como temos recebido agora esta informação, é valiosíssimo para o desempenho de nossas funções. Eu lembrei disso por Norberto Iannelli, Representante da SEGIB, Enrique Iglesias, da SEGIB, vai embora, mas vem para aqui. Vamos tê-lo perto. Hoje não o temos porque está sempre de passagem; quando Enrique Iglesias voltar, teremos um dos sábios da América que pode vir e contar como ele vê o mundo. Da mesma forma, um ilustre chileno está deixando a OTI -ou já a deixou: Juan Somavía, agora que tem mais tempo poderia vir e nos contar o que acontece no mundo. Temos gente em muitos organismos, temos na FAO, na OMC, etc. e muitos latino-americanos que podem vir e enriquecer o nosso conhecimento, que será proveitoso para o nosso desempenho.

Secretário, se o senhor puder, pela sua conta, obviamente, não vamos pagar as passagens, eles podem pagar suas próprias passagens, seria bom que pudessem vir. E, quem sabe, nessa tarefa de convidá-los talvez a CAF possa nos financiar uma parte.

SECRETÁRIO-GERAL. Obrigado, Presidente. Celebro muito esta iniciativa do Presidente do Comitê porque estávamos trabalhando nessa linha. Rumo à EXPO ALADI, creio que temos duas tarefas importantes: primeiro, conhecer mais os organismos latino-americanos que temos. Temos um acervo de instituições, de organizações sociais, empresariais, de trabalhadores, de empresários que a ALADI deveria estar convocando. Também, personalidades que estão à frente de instituições, como dizia o Presidente, que são fundamentais quanto à atualização de sua compreensão e de seu conhecimento com o que está acontecendo em nível internacional e seu impacto sobre a América Latina.

Por exemplo, se quisermos analisar e discutir o impacto dos mega acordos, como foi proposto aqui, o Trans-Pacífico e o acordo da própria Ásia Pacífico, Enrique Iglesias pode ter um olhar integral da complexidade e do impacto que nós podemos ter em nível comercial, e também como atinge à multilateralidade e como afeta o papel da OMC quanto a representar um mundo com regras mais justas e mais simétricas para todos, como estes grandes mega acordos podem nos dar uma base que não seja a mais conveniente para nós e que afete ou ponha em crise a multilateralidade, o que mais convém à América Latina. Temos que debater esses assuntos aqui. Tínhamos pensado em Enrique García, Enrique Iglesias, aos que propomos em Havana, para conhecermos o estado atual da infraestrutura latino-americana, em que foi avançado. Porque, por exemplo, a CAF tem uma visão otimista sobre o que já foi feito em infraestrutura na América do Sul e na América Latina e talvez nós não tenhamos uma visão atualizada deste tipo de questões. Consideramos isto muito importante.

Casualmente, se o Embaixador da Colômbia me permitir comentar, terça-feira estará aqui o ex-presidente Samper, dia 5 de março, oferecendo uma palestra. Samper é um homem conhecedor da situação da América Latina e está muito por dentro destes temas. Devemos aproveitar e enriquecer este debate porque este mundo é muito cambiante, é de muita volatilidade, de muitas incertezas. Portanto, precisamos ter uma dinâmica forte de debates na ALADI: não converter a ALADI em um fórum acadêmico, mas gerar um debate político sobre o que está acontecendo no contexto internacional, como isso está atingindo a América Latina e como ela se fortalece com seu próprio rumo.

Celebro muito que estejamos em absoluta coincidência sobre isto, Presidente, porque viemos, justamente, trabalhando nesse aspecto. Obrigado.

PRESIDENTE. Muito obrigado, Secretário-Geral. Creio que se podemos fazer algo nesse sentido sairemos todos ganhando.

Quero lembrar algo. Hoje é realizada a Cúpula do NAFTA, em Toluca. Os senhores perguntarão: O que isso tem a ver com a ALADI? Creio que tem algo a ver com os migrantes latino-americanos nos Estados Unidos. É algo que atinge nossas nações. Temos que conhecer, temos a obrigação de saber o que está acontecendo no mundo. O que falávamos de Enrique Iglesias, que nos conte o que acontecerá se for concretizado o acordo União Europeia – Estados Unidos. Isso mudará o mapa. Nós estamos aqui e não nos temos que encerrar, temos que conhecer um pouco tudo. O México tem a palavra.

Representação do MÉXICO (Alejandro de la Peña Navarrete). Obrigado, Presidente.

Queria somente aderir à sugestão feita pelo senhor. Acredito que é importante podermos ter, como dizia também o Secretário-Geral, um debate sem que a ALADI se torne exclusivamente centro de debates. Por isso, o formato sessão extraordinária é muito útil. Somo-me à sua ideia de convidar a personalidades, porque temos muitas. De fato, eu pedi a palavra para mencionar dois que não estão tão longe, Rubens Ricupero, que está em São Paulo, no mundo acadêmico. É uma personagem que todos conhecem. Ele pode falar do que acontecerá daqui a um século e, certamente, acontecerá. Mas, também, temos Julio Lacarte, praticamente o fazedor do âmbito institucional da OMC e não falemos do mecanismo de solução de diferenças e primeiro presidente do Órgão de Apelação; o que nos diga Julio Lacarte, se nos honrar com a sua visita –e acredito que não haverá despesas nem de ônibus porque ele está aqui, seria muito bom e enriquecedor. Obrigado.

PRESIDENTE. Muito obrigado, Ministro. É justamente o que eu queria propor. É uma alegria estarmos de acordo. Sem prejuízo das nossas funções, tudo o que possamos receber aqui será bem-vindo. Uma das exposições mais brilhantes que eu recebi aqui foi a de Rubens Ricupero. E de todos os que por aqui passaram depois. Há personalidades em nossa região das quais temos que estar orgulhosos e aprender deles.

Creio que não há mais nada a tratar. Encerra-se a sessão. E, pelo menos, teremos um descanso de 15 dias.

- *Encerra-se a sessão.*
